



Coleção
Raízes do Futuro

21

COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTO ANTÔNIO DO MORRO GRANDE

RESSAQUINHA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Dirciana Aparecida Teodoro Melo, Isabel Cristina Aparecida Teodoro, Rhayssa Luana da Silva, Ricardo Rhuan de Souza, Rick Ronan de Souza, Rosânia de Fátima Almeida Martins.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTO ANTÔNIO DO MORRO GRANDE

RESSAQUINHA - MG

Localização da Comunidade

O Quilombo de Santo Antônio do Morro Grande está localizado na zona rural do município de Ressaquinha, mesorregião Campo das Vertentes, em Minas Gerais. A comunidade fica a aproximadamente 11,5 km da sede do município, e o acesso é feito por uma estrada de terra em boas condições e, mesmo durante o período de chuvas, chegar ao Quilombo é relativamente fácil. Atualmente, vivem na Comunidade aproximadamente 240 pessoas, entre adultos, idosos, jovens e crianças.



História

A história do quilombo de Santo Antônio do Morro Grande teve início com a fuga de escravos das fazendas cafeeiras da região, no século XIX. Segundo os moradores, muitos habitantes antigos descendem de escravos fugidos e libertos da Fazenda do Bandeira e de outras fazendas próximas.

Segundo a moradora Rosânia de Fátima, sua bisavó, de nome Maria Rita, viveu no período escravagista. Ela contava que, no início da formação da vila, os negros viviam escondidos nas matas da encosta do morro. No fim da escravidão, as pessoas foram descendo o morro e construindo suas moradias nos locais onde está o casario atual.

Na região do Quilombo, erguiam-se algumas das grandes fazendas do município de Ressaquinha. Entre elas, a Fazenda Ressaquinha, a Fazenda do Bandeira, a Fazenda do Contramestre, a Fazenda Paraíso, e tantas outras. Todas elas possuíam inúmeras pessoas escravizadas.

Conta-se que, em meio à opressão, alguns dos escravizados se revoltaram, saindo do domínio das grandes fazendas, indo se estabelecer em uma área de mata de capoeira, conhecida como Campo do Meio, onde ergueram suas moradias.

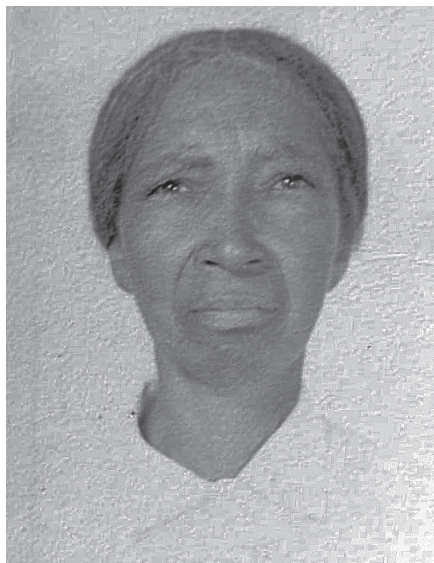
As primeiras famílias a se constituírem, em Campo do Meio, e lá permanecem até hoje, foram as de Teodoro, de Cesária e de Inácio. Os descendentes destas famílias afirmam serem herdeiros dos ofícios e modos de ser dos quilombolas de Ambrósio. Segundo eles é possível reconhecer a semelhança no modo de fazer a colheita e o trabalho com a marcela no enchimento de colchões e travesseiros, e a habilidade em fabricar peneiras, balaios e esteira de bambu, matéria-prima abundante na região.



■ Rita Cesária e sua afilhada. Moradora do Campo do Meio, onde viveu sua vida toda em casa de pau-a-pique.

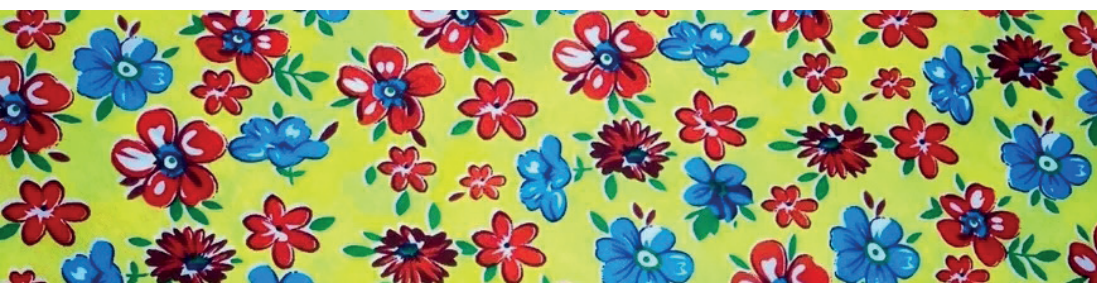
Sabe-se também que, após a abolição, alguns dos escravizados permaneceram nos limites das fazendas e, ali, onde serviram como escravos, construíram suas casas. Esse é o caso do coronel José Rosa Belo, dono de vastas terras e de grande número de escravizados, que deixou pistas da permanência de seus cativos em suas fazendas, após a Abolição. Alguns ficaram nas antigas senzalas, outros levantaram casas de pau-a-pique e havia ainda os que obtiveram a posse de pequenas áreas de terra, conseguidas em troca de trabalho para os coronéis e senhores das fazendas.

Segundo Rosânia, descendente da família Cesário, diz ter acontecido com sua avó, Maria Joana, que trabalhou por anos para fazendeiros e, como pagamento pelos serviços prestados, recebeu apenas alimentos.



■ Maria Joana - nascida e criada no Quilombo.

O nome Santo Antônio do Morro Grande nasceu da devoção do senhor Antônio Mariano das Chagas, um fazendeiro de muita expressão da região. Foi ele quem mandou construir, no alto do morro, uma capela em homenagem ao Santo. A Comunidade é mais conhecida por Quilombo, apelido que veio da boca do povo da cidade. Os moradores de Ressaquinha ao perceberem que os moradores da localidade desciam o morro em grandes grupos para venderem seus produtos: feixes de marcela, capim-mumbeca para colchões, ovos, galinhas e frangos caipiras; comentavam, entre si, que só podiam ser gente de um Quilombo, pois eram muitos negros reunidos.





■ Capela de Santo Antônio do Morro Grande.

Rosânia conta também que sua bisavó, Maria Rita de Jesus, gostava de dizer que, certa vez, ao chegar com o grupo em uma fazenda, localizada em Barbacena, a dona da propriedade já os aguardava no portão. Questionada sobre como sabia da chegada deles, ela respondeu: “O meu empregado me falou que o povo do Quilombo vinha trazendo mercadorias”. Assim, o apelido pegou. Tornou-se comum. Com o tempo, o povoado passou a se reconhecer como Quilombo, deixando o nome de Santo Antônio do Morro Grande em segundo plano.

Dirciana, uma das descendentes dos Teodoro, conta que o seu avô dizia, para ela, que, no Quilombo, vivia uma comunidade, que não tinha riqueza, mas era feliz. Ele contava que as pessoas se reuniam em mutirão para levantarem uma casa de pau-a-pique para o vizinho, e que, antigamente, as pessoas eram mais solidárias, as famílias compartilhavam e ajudavam umas as outras.

■ Território

Os moradores do Quilombo afirmam que a maioria das famílias possuem o título individual de posse de seus terrenos e que nunca houve conflito por terras na Comunidade.



■ Mapa simbólico do Quilombo Santo Antônio do Morro Grande.

As atividades pecuárias e o plantio de eucalipto são as principais causas da alteração ambiental do município, que resvalam no Quilombo. Ainda há muitas nascentes próximas às casas, ameaçadas pelo desmatamento e pelo avanço da cultura do eucalipto. A água, utilizada na comunidade, vem das nascentes no morro que circunda as casas do povoado e, atualmente, também fazem uso dessa água por meio de poços artesianos. Ela é canalizada até as casas, mas não há qualquer tipo de tratamento. Os domicílios usam a fossa rudimentar, e a coleta de lixo pela prefeitura é realizada uma vez por semana, às terças-feiras.

A vegetação original está parcialmente alterada na região, com alguns resquícios de Mata Atlântica. O solo é muito bom no entorno do povoado, predominando o latossolo vermelho.

No Quilombo, a natureza alterada pela ação humana, além das moradias e estradas, os terrenos são utilizados pelas famílias para cultivo de verduras, legumes, cana-de-açúcar, milho e, por meio dos pastos, criam gado leiteiro, porcos, galinha, entre outros para consumo próprio e venda do excedente.

Os moradores do quilombo acreditam que os tipos de natureza, antigos e recentes, alterados ou não, são importantes para a reprodução dos modos de vida e creem que sua sobrevivência depende de alimentos coletados e oferecidos pela natureza como: frutas, hortalças, as águas de rios e lagos onde se pescam os peixes, as árvores, que ajudam na fotossíntese, e consequente melhoria do oxigênio, como também para a reprodução dos modos de vida. Para o cuidado com os tipos de natureza, a comunidade realiza, por exemplo, ações de preservação da mata ao redor das nascentes de água, a fim de mantê-las funcionantes.

A Comunidade conta com um campo de futebol, uma Capela, uma escola de ensino fundamental, uma Unidade Básica de Saúde, uma Cozinha Comunitária e uma edificação de pau a pique – o Museu Quilombola - para a guarda e exposição, em épocas de eventos, de utensílios, de ferramentas e de equipamentos antigos herdados por seus ancestrais.

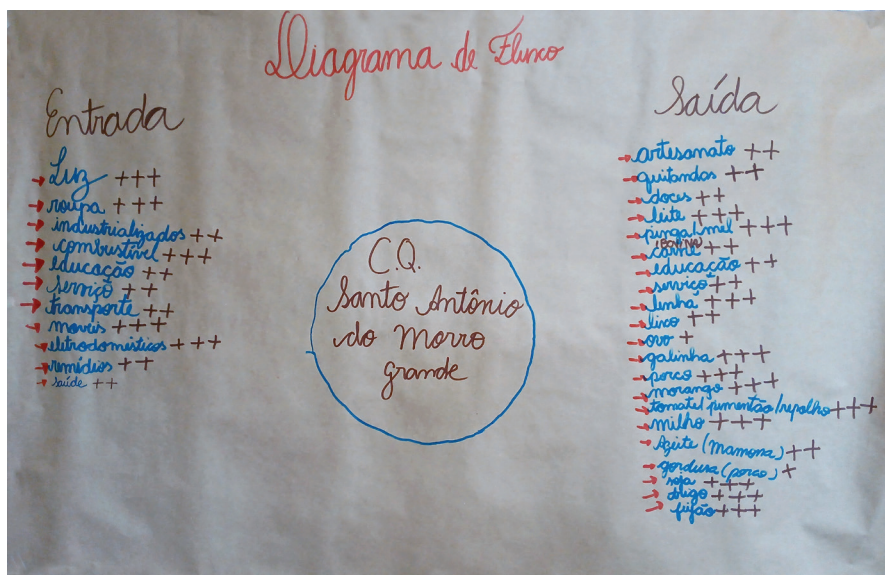


■ Museu Quilombola.

No território da Comunidade, ainda se encontram as fazendas do Bandeira, de Vista Alegre, de Paraíso, de Minas Gerais e donos de grandes lavouras. Alguns destes empregam parte da mão de obra dos moradores de Santo Antônio do Morro Grande.

■ Economia e sociedade

A agricultura ainda é uma das fontes de renda de algumas das famílias, é também a venda de leite e derivados, a fabricação de cachaça, a produção do carvão, o artesanato e as deliciosas quitandas. Há também geração de renda por empregos fora da comunidade, nas cidades de Ressaquinha e Barbacena, com trabalhos nas fazendas e nas carvoarias vizinhas. Outra forma de geração de renda da Comunidade é a venda de produtos agrícolas para as cidades de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Barbacena e Ressaquinha, entre outras. Muitas famílias cultivam morango, e, em todas, há uma horta para subsistência.



■ Diagrama de Fluxo do Quilombo.

Algumas mulheres da comunidade produzem artesanato de palha e crochê, mas, como não há incentivo nem pontos de venda, essas atividades vão aos poucos sendo deixadas de lado.

A Unidade Básica de Saúde – UBS conta com uma recepcionista, um agente de serviços gerais, médico uma vez por semana, realizando ainda os serviços de exames preventivos, sessões de fisioterapia e consultas odontológicas. O município participa do Programa Saúde da Família, com o agente de saúde contratado da própria comunidade.

Em relação à educação, havia a escola rural no Quilombo, antes mesmo da criação do município de Ressaquinha. A escola chamava-se “Avelino Fonseca”. A primeira professora foi a senhorita Glacira de Paula Ferreira, empossada em 30 de junho de 1954, dez anos antes de o município fundar sua primeira escola rural. Ali, em classes multisseriadas, crianças de todas as idades recebiam formação sob o mesmo teto.

Pela Lei Municipal nº 766/98, a escola foi rebatizada de Escola Municipal “Antônio Mariano”, uma justa homenagem ao fazendeiro e benfeitor que doou a área onde se ergueram a capela, a escola, o posto de saúde, o campo de futebol e a cozinha comunitária.



■ Escola Municipal Antônio Mariano.

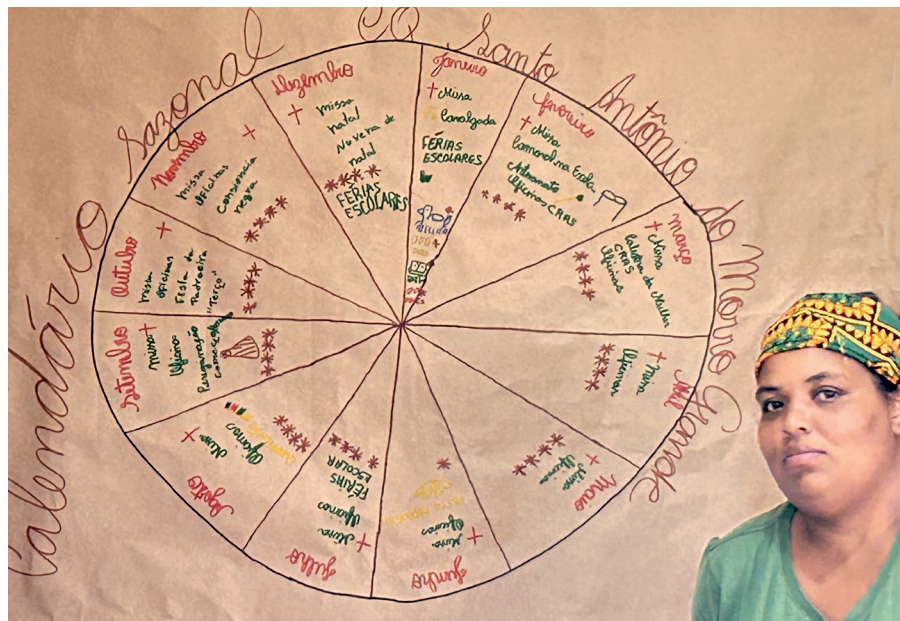
Atualmente, há 15 alunos e duas professoras. Os alunos que continuam os estudos vão para escolas na cidade de Ressaquinha, e há um ônibus da Prefeitura para efetuar o traslado.

O padroeiro da Comunidade é Santo Antônio, comemorado todo dia 13 de junho. Nesta época realiza-se na Capela o tríduo, celebrações eucarísticas, e os festejos com shows musicais e apresentações artísticas, que integram a comemoração, acontece no campo de futebol.



■ Imagem de Santo Antônio, padroeiro do Quilombo.

Na Capela de Santo Antônio é celebrada missa uma vez ao mês e, semanalmente, aos domingos realiza-se o culto. Rezam novenas no mês de maio, mês de Maria, em outubro, a de Nossa Senhora Aparecida e a novena de Natal.



■ Apresentação do calendário sazonal do Quilombo.

A maioria dos moradores é católica, mas algumas pessoas são adeptas de religiões de matriz africana e das igrejas evangélicas.

A tradição das benzedadeiras, ainda é forte, e é praticada por algumas mulheres do Quilombo.

Na Comunidade, há um grupo de dança afro, organizado desde o ano 2000, que realiza apresentações nas escolas e em outros espaços, com o intuito de divulgar a cultura afro-brasileira e manter viva a cultura do Quilombo.

Grande parte dos moradores se reconhecem como quilombolas, e, em 2007 a comunidade foi certificada e oficialmente reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como Quilombo Santo Antônio do Morro Grande.

A comunidade é representada por uma associação denominada Associação dos Moradores do Povoado do Quilombo, que está em pleno exercício.



■ Grupo de dança afro-brasileira do Quilombo.

No Quilombo, há algumas famílias não negras e que vivem há pouco tempo na localidade. Elas não se engajam e até ignoram a luta e as reivindicações da comunidade como quilombola.

Os quilombolas queixam-se da existência de preconceito e de racismo de uma parcela dos moradores da cidade para com as pessoas do Quilombo Santo Antônio do Morro Grande. Mas, na resistência, eles guardam, no coração, o sentimento de pertencimento quilombola falando alto e em bom tom que: *“Temos escola, UBS, uma venda e claro muita prosa boa, daqueles que não trocam essa comunidade por nem um outro lugar do mundo!! E é assim que o nosso Quilombo se mantém vivo, com suas tradições, costumes e ancestralidade”*. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

